



Estudantes procuram o Centro para fazer trabalho de grupo

Pró-Memória atrai quem acompanha a Constituinte

O velhinho de cabelos brancos e óculos de míope aproxima-se timidamente do balcão do Centro Pró-Memória da Constituinte. Mal consegue atenção, entretanto, começa a discorrer entusiasmado sobre a proposta que imaginou incluir na nova Constituição brasileira: "Por acaso não merece receber os 100% do salário do marido a viúva que o aturou a vida inteira?" Pela legislação atual, ela ganha apenas a metade, mas o autor da sugestão acha isto injusto. Embora já tenha passado o tempo de recebimento de contribuições, ele sai do Centro com o endereço de entidades onde pretende apresentar seu projeto.

Há um aposentado que vem todos os dias, na hora do almoço. Um militar e um professor também tornaram-se frequentadores assíduos da sala de grandes janelas, na esquina da Avenida Rio Branco com Rua Teófilo Otoni, decorada com painéis de Rubens Gerchman e Aguilár. Eles querem saber de tudo o que acontece na Constituinte e são consumidores do farto material à disposição de todos os interessados: livros, vídeos, recortes de jornal, monografias, relatórios, anteprojetos, além de constituições de vários países do mundo.

Dinâmica — "Ao invés de ficar duas horas numa sala de aula", o professor de Direito Constitucional Adriano Pilatti levou 17 alunos da PUC para pesquisar no Centro Pró-Memória da Constituinte. Eles escolheram algumas emendas populares e as analisam, comparando-as com a legislação de outras nações. Depois de uma hora de trabalho, tendo em mãos as longas tiras de computador com as informações obtidas dos arquivos do Centro, as nove moças e oito rapazes se reúnem em torno do professor para mostrar suas conclusões.

Cabelo punk e tênis gastos, contrastando

com o visual bem produzido da maior parte da turma, Adriano, 26, convida os segundanistas de Direito a elaborar pareceres sobre a matéria estudada. A experiência chega a perturbar o sossego do ambiente, onde colegas de uniforme ocupam mesas próximas: uma discussão acalorada toma conta dos futuros advogados, em torno de questões como a energia nuclear, a participação popular nas decisões do país, o ensino público e a propriedade dos meios de comunicação.

Para os funcionários do Centro Pró-Memória da Constituinte — que foi inaugurado no Rio em 10 de março e hoje já se estende por mais seis cidades —, os estudantes de Direito, principais clientes do acervo, são, por sua assiduidade, dos mais fáceis de se atender. Mas os de primeiro grau, que vêm com encomendas das professoras, sem entender bem do assunto, sempre esperam que alguém faça o trabalho por eles.

Participação — A coordenadora do Centro, Elisabeth Sussek, acha que a função de atendimento representa uma das alas do caminho de mão dupla que armazena todo o material e alimenta constantemente os constituintes com aquilo que a população imagina sobre as novas leis do país. "Nunca um deles vai poder alegar que não sabia o que as empregadas domésticas ou os aposentados pensam, pois isto vai direto à mesa deles", garante ela.

No mês de junho, o Centro Pró-Memória da Constituinte recebeu 900 consultas diretas ou por telefone. A mesa instalada na calçada da Avenida Rio Branco foi um dos mais movimentados postos de coleta de assinaturas das emendas à Constituinte e a que concentrou maior procura foi a da reforma agrária, seguida da que defende os direitos do trabalhador.

Cooperativismo — Moderados e progressistas apoiaram ontem a entrega da emenda popular patrocinada pela Organização das Cooperativas Brasileiras ao relator da Comissão de Sistematização, Bernardo Cabral, com um total de 44 mil assinaturas. Com apenas três artigos a OCB propõe no futuro texto constitucional que o cooperativismo seja desatrelado do estado, pede isenção tributária para projetos cooperativistas e obriga o ensino de cooperativismo nas escolas de 1º e 2º graus. Se a emenda for aprovada, a próxima Constituição será a primeira a tratar do cooperativismo no Brasil. Roberto Rodrigues defende a proposta.

Diretório — O governador Newton Cardoso comunicou ao presidente regional do PMDB de Minas, deputado Raul Belém, que considera encerrado o episódio de tentativa de dissolução do diretório do partido. Ao mesmo tempo o autorizou a anunciar oficialmente a volta do senador Itamar Franco ao PMDB. Itamar está no PL, partido com o qual não se entrosou, embora seja seu líder no Senado. O PL considera que Itamar usou a legenda apenas para ser candidato. Os dois membros da executiva do PMDB, cuja renúncia foi exigida e não se consumou — o ex-deputado Antônio Faria e o professor Roberto Martins — disseram que a tentativa de dissolução do diretório era "um erro político".

Acordos poderão garantir plebiscito para nova Carta

BRASÍLIA — A procura de um acordo que assegure consultas plebiscitárias à população, no final da Constituinte, juntou ontem o deputado Virgílio Guimarães, da ultra-esquerda do PT mineiro, ao líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), e o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP). "Defendemos uma ampla discussão deste assunto entre os partidos" — disse Sant'Anna.

O entendimento surgiu de manhã, numa manobra sugerida por Sant'Anna a Virgílio Guimarães, contra proposta do deputado Brandão Monteiro (PDT-RJ). A Comissão de Sistematização da Constituinte discutia dois "projetos de resolução" sobre plebiscitos. O de Brandão Monteiro fixava plebiscito nacional, depois da Constituinte, sobre o sistema de governo que fosse adotado e a duração do mandato do presidente Sarney. Foi derrotado por 19 votos contra 12.

O outro projeto, de Virgílio Guimarães, fixava a realização de plebiscitos sobre qualquer tema, desde que com apoio de 56 constituintes. O PT sentiu-se "atropelado" pelo projeto de Monteiro e sabia que dificilmente seria aprovado. Por isso, Virgílio Guimarães acatou sugestão de Sant'Anna e pediu adiamento do debate sobre seu próprio projeto. "Essa proposta me foi soprada pelo Sant'Anna" — disse depois o deputado do PT.

Referendos — Isolado, o projeto de

Brandão Monteiro foi derrotado facilmente pelo plenário da comissão. Enquanto isso, Sant'Anna e Guimarães acertaram para o final da tarde uma conversa no gabinete da liderança do governo. Sant'Anna disse que poderá haver acordo entre grupos diferentes em torno de uma fórmula de plebiscito que se pronuncie sobre aqueles temas que forem aprovados por margem muito pequena na Constituinte, "como o aborto, por exemplo".

O PT, por sua vez, tem suas próprias idéias sobre o plebiscito. "Seria uma forma de politização de massa" — disse Guimarães. O que o partido quer é garantir um mecanismo pelo qual um número relativamente pequeno de constituintes possa requerer consultas plebiscitárias sobre certos temas, depois de a nova Constituição ser aprovada mas antes de ser promulgada.

O senador Fernando Henrique Cardoso também conversou com Guimarães a esse respeito, defendendo um acordo com vários grupos. A idéia de Sant'Anna, segundo disse ontem, é a realização de referendos em que a população opte entre o texto aprovado na Constituinte e um ou mais textos alternativos, sobre determinado tema. Já Guimarães quer um plebiscito que se pronuncie também sobre a totalidade da nova Constituição, convocando-se novas eleições constituintes, caso a proposta seja rejeitada.

Brasília — Luiz Antônio Ribeiro



Guimarães e Sant'Anna (sentado) debatem o acordo

Virgílio Guimarães

Macrobiótica e trotskismo com diálogo

"Ser de extrema esquerda não significa ser burro". Foi com esse argumento que o deputado Virgílio Guimarães golpeou a proposta do líder do PDT Brandão Monteiro, apoiado por Carlos Sant'Anna, e começou o entendimento sobre sua proposta de plebiscito depois da Constituinte. "Estou muito confiante na negociação" — disse.

A disposição para o acordo parece estranha em alguém que teve apoio de grupos mais radicais, como o PRC (Partido Revolucionário Comunista) e que era militante trotsquista, até o ano passado.

Economista, ex-diretor do Dieese mineiro, Guimarães acha que "ser marxista-leninista já é o suficiente", e por isso abandonou a Organização Revolucionária Marxista Democracia Socialista, um dos ramos do movimento trotsquista mundial filiado à IV Internacional. Mas mantém sua profissão de fé libertária, que o aproxima dos anarquistas mineiros. É macrobiótico, defende o aborto, o amor livre e a maconha. "A extrema esquerda tem que ter seu lado libertário, tem que ter arroz integral" — diz, com humor.

Em defesa da própria honra

Logo no início da sessão da Sistematização, Nilson Gibson, um ex-malufista de Pernambuco que aderiu ao PMDB, acusou "os brizolistas" de quererem "tumultuar e assanhar" os trabalhos da Constituinte. Insinuou que Brandão Monteiro (RJ), líder do PDT, teria cometido irregularidades em sua passagem pelo governo Leonel Brizola. Quan-

do a sessão se aproximava do fim, Brandão pegou o microfone e, aos gritos, desafiou Gibson a provar as insinuações. "Vou fazê-lo engolir sua língua neste plenário, respeite minha honra", gritou. Gibson, que estava em pé, sentou-se, irritando ainda mais Brandão, que tentou agredi-lo mas foi contido. Afonso Arinos foi obrigado a suspender os trabalhos por alguns minutos.

Estrelas devem brilhar por igual no comício de Caruaru

RECIFE — Os organizadores do comício das diretas, marcado para hoje à noite em Caruaru, a 130 quilômetros de Recife, encontraram a fórmula para não desagradar as três grandes "estrelas" a comparecerem — o senador Mário Covas, o ex-governador Leonel Brizola e o deputado Luís Inácio da Silva: quem vai encerrar a manifestação é o prefeito da cidade, José Queiroz. Assim, nenhum dos três poderá ser apontado como o mais importante convidado da festa.

A decisão foi anunciada pelo deputado Fernando Lyra, um dos idealizadores do comício. Ele disse que, ao se escalar o prefeito para fazer o último discurso, não houve qualquer intenção de evitar disputas entre os convidados, "mas sim de homenagear o anfitrião". Na verdade, desde a semana passada era grande a especulação sobre quem fecharia o comício, e isso vinha causando constrangimento entre os organizadores, que não desejavam demonstrar preferência por nenhum dos três candidatos potenciais à Presidência da República.

Brizola quer luta contra elites

Ao defender a substituição urgente do presidente José Sarney, através de eleições diretas, o ex-governador Leonel Brizola — que chegou a Recife para participar do comício de Caruaru — afirmou que é chegada a hora de o povo brasileiro "questionar as elites incompetentes que estão no poder e acabar de vez com a cumplicidade que impera no país, que protege um conjunto de forças que se mantém governando apenas pelos seus interesses, pelos seus empregos, por sua conveniência".

Brizola a princípio negou que estivesse se lançando candidato mas, ao ser questionado sobre o nome ideal para substituir Sarney, admitiu que se considerava preparado para o cargo: "Do ponto de vista pessoal, me acho capacitado a ser presidente e estou pronto para entrar no concurso, pois ninguém como eu fez vestibular para esse cargo, desde que voltei do exílio." Entretanto considerou cedo para definir a sua ou outra candidatura qualquer, lembrando que o mais importante, agora, é conseguir fixar a data das eleições diretas.

Acompanhado dos constituintes Roberto D'Ávila e César Maia, o ex-governador foi

Por uma questão de compromissos já assumidos, o senador Mário Covas deverá ser dos três o primeiro a falar, seguindo-se Lula e Brizola, mas Fernando Lyra garante que a ordem ainda não foi estabelecida. De certo mesmo sabe-se que falarão também Fernando Gabeira, do Partido Verde; o governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello; Fernando Lyra; o prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos; e representantes do PCB e do PSB de Pernambuco.

Quando ao número de pessoas que se espera reunir em Caruaru, Fernando Lyra disse que isso não tem importância, pois o destaque é o palanque: "Todas as atenções estarão voltadas para o palanque, pelo acontecimento político que ele representa, porque ali estarão representantes do PMDB, PTB, PDT, PT, enfim todos que desejam eleições diretas para presidente." Se a importância fosse eleitoral, aí sim, o número de manifestantes seria muito significativo.

Segundo Brizola, depois da morte de Tancredo Neves e do governo que vem sendo feito por José Sarney, "o povo perdeu a esperança porque o presidente está apegado ao cargo. Acho que é urgente, é uma questão de salvação nacional substituir o presidente Sarney no prazo mais curto possível, por um presidente eleito. E isto porque não só Sarney como os integrantes do seu governo estão usurpando o direito do povo brasileiro de eleger seu representante legítimo."